

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

8 de Outubro de 2022

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA – A QUESTÃO COLONIAL

CARNAVAL DA VITÓRIA / 1978

Um filme de António Ole

Argumento: Fernando Silva, António Ole, José Manuel Nunes; comentário escrito por Moutinho Pereira / *Imagem* (16 mm, cor): João Silva, António Maneira, Victor Henriques / *Montagem:* Helena Nascimento, Regina Fontes / *Som:* Jorge Baptista, Ladislau Sirgado / *Locução:* José Manuel Nunes

Produção: TPA/Televisão Popular de Angola (Luanda) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm (ampliado do original em 16 mm), versão original com legendagem eletrónica em inglês / *Duração:* 39 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

António Ole (do seu verdadeiro nome Oliveira, mas que encolheu o apelido pelo facto de Salazar também ser António e Oliveira) é um célebre artista angolano de dimensão internacional (esteve presente em várias edições da Bienal de Veneza, por exemplo), que pratica a escultura, a pintura, o desenho, a fotografia, o cinema e também faz instalações. Tinha apenas dezasseis anos quando participou, em 1967, de uma primeira exposição coletiva, seguida de uma individual no ano seguinte, ambas em Luanda. Em 1975, ano em que Angola conquistou a independência, Ole formou-se em cinema no Film Institute da UCLA, em Los Angeles e realizou os seus primeiros filmes na sua terra de origem, **Resistência Popular em Benguela** e **Os Ferroviários**. Considera-se “produto da cultura africana e europeia”, ressaltando que “a africanidade marcou muito a minha formação” e nunca cortou os laços com Angola, embora tivesse condições materiais e profissionais de o fazer. O seu hibridismo cultural, o seu cosmopolitismo, a sua formação erudita, afastam-no do simplismo de um militante e, exatamente por isso, o seu olhar sobre as questões sócio-políticas é sutil porém extremamente agudo, como o prova o seu filme que abre esta sessão.

Apresentado numa magnífica cópia restaurada e ampliada de 16 para 35 mm, **Carnaval da Vitória** foi realizado dois anos e meio depois da independência de Angola, quando a vitória sobre o colonialismo português já era mais do que definitiva, embora muitíssimos anos de guerra ainda estivessem ela frente. Por este motivo, o filme aborda uma festa e não a luta armada, ilustra a afirmação de um aspecto crucial de uma cultura, que não se misturou à do colonizador, nem se deixou por ele edulcorar. O filme começa com a recitação em *off* de um trecho do poema *Havemos de Voltar*, de Agostinho Neto, que evoca os *nossos* diamantes e as *nossas* plantações aos quais “*havemos de voltar*”. Em 1978 os angolanos já tinham “voltado” e em relação a tudo o que existe naquele território (à exceção da língua) o pronome possessivo *nossos* já não se aplicava aos portugueses e sim aos angolanos. A seguir, este mesmo pronome é aplicado à festa do Carnaval, que passou a ser definitivamente *nossa* para os angolanos, deixando de ser *deles*, pois durante os catorze anos de luta armada anti-colonialista esta festa não tinha podido eclodir, a não ser em círculos relativamente fechados em Luanda, onde não havia combates, e numa ou outra cidade, numa tentativa de recuperação destinada a esvaziar-lhe o sentido. Assim sendo, contrariamente a um etnólogo, António Ole não estuda neste filme elementos culturais em vias de extinção, mas pelo contrário algo que nunca morreu, que sobreviveu de modo subterrâneo e volta a sair à luz. O filme tem um tom explicativo, com grande espírito de síntese e extrema clareza de propósito, indo da preparação da festa à sua explosão através de diversos grupos e chega ao fim num *freeze frame* sobre as pernas de um homem que dança. A imagem para e a música continua: este é um filme sobre a capacidade de resistir e sobreviver.

Antonio Rodrigues

ROSTOV-LUANDA / 1997

Um filme de Abderrahmane Sissako

Imagem (vídeo, cor): Jacques Besse / *Música:* Man 'Re / *Montagem:* Claudio Martinez, Dominique Gallier / *Som:* Paulo de Jesus (gravação), Jean-Jacques Quint (montagem), Jacques Clisse (misturas)

Produção: Movimento (Paris) para a ZDF (televisão alemã), em co-produção com a RTBF (rádio-televisão belga francófona) e Morgane Films (Paris) / *Cópia:* digital, versão original com legendas em francês e legendagem eletrônica em português e inglês / *Duração:* 60 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: Por motivos técnicos, não foi possível fazer a “folha” de ROSTOV-LUANDA. Em substituição propomos um artigo de Christian Iseli, publicado no numero 14 da revista *Dox*, em Dezembro de 1997

Tudo começa com uma chamada telefónica. Numa loja numa pequena aldeia na Mauritânia o realizador Abderrahmane Sissako tenta fazer uma chamada telefónica internacional. Consegue falar com a sua antiga professora russa em Rostov: um corte na imagem leva-nos da ensolarada África à paisagem coberta de neve da Ucrânia. Sissako está à procura do seu amigo Hari Banga, com quem estudara na União Soviética. Ele se lembra de uma foto que mostra Bari Banga com outros alunos africanos e asiáticos. A resposta, através do ruído de fundo da chamada telefónica, é positiva: a professora vai enviar a foto. A busca por Hari Banga tem início.

Sissako vai para Angola, país de origem do seu antigo colega e começa a sua busca em Luanda. Nas ruas e no conhecido bar Biker, ele mostra a foto a diversas pessoas e indaga se alguém conhece o seu amigo. Nesta jornada, o caminho acaba por tornar-se mais importante do que o objetivo. Sissako sabe ouvir pacientemente as pessoas que cruza e observar de perto a situação em que se encontram. O casal que confeciona roupas, o professor da aldeia, o camionista, a velha senhora que gosta de música, passantes e clientes do bar – todos contam histórias sobre a sua vida quotidiana. A partir desses encontros com os indivíduos mais variados, Sissako reúne um fascinante mosaico. As realidades da história colonial de Angola e a interminável guerra misturam-se a destinos pessoais, anedotas da vida de todos os dias e uma insaciável *joie de vivre*. O resultado é um animado e variado retrato da vida contemporânea em África. A hábil utilização dos elementos fílmicos também contribui para a complexidade do filme. Um excelente trabalho de câmara transcreve estes encontros em imagens intensas e a montagem faz com que a busca de Sissako resulte numa série de movimentos não lineares, em espiral.

No bar Biker em Luanda, onde começara a sua busca Sissako acaba por encontrar a informação crucial que o leva até ao seu velho amigo. Depois da sua estadia na União Soviética, Bari Banga terminou os seus estudos na Alemanha do Leste, onde permaneceu depois do colapso do comunismo. Sissako acaba por descobrir o seu amigo em Berlim. Mas não é isto que realmente conta, pois **Rostov-Luanda** é um filme sobre a África. A busca pelo amigo é a moldura na qual Sissako pode pôr as outras histórias, o pretexto que torna possíveis todos os outros ricos encontros que fez.

Christian Iseli